

## SIMPÓSIO AT131

# ENSINO DE ANÁLISE LINGUÍSTICA: O QUE NOS REVELAM AS PRODUÇÕES DE GRADUANDOS EM LICENCIATURA EM LETRAS

LIMA, Hérica Karina Cavalcanti de  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
hkarinacl@yahoo.com.br

**Resumo:** As novas perspectivas para o ensino de Língua Portuguesa partem de uma concepção de língua sociointeracionista, tomam o texto como ponto de partida e de chegada do ensino e veem como necessária a articulação entre os eixos de ensino de leitura, produção escrita, oralidade e análise linguística para a formação de usuários competentes da língua. Muitos avanços já se têm percebido nas escolas brasileiras no que se refere a esse ensino, mas ainda há muito a ser feito, sobretudo, no que se refere ao ensino de análise linguística (AL). Sabendo disso e reconhecendo a necessidade da reflexão sobre o ensino desse eixo durante a formação inicial do professor de Português, realizamos um estudo com alunos da disciplina de Prática Pedagógica da Língua Portuguesa, do Curso de Licenciatura em Letras de uma Instituição de Ensino Superior pública, com o objetivo de analisar como se apropriam das discussões teórico-práticas do ensino de AL. Para tanto, nos debruçamos sobre exercícios de AL produzidos por eles a partir de diferentes gêneros textuais, os quais tinham como público alvo alunos do Ensino Fundamental e Médio. Considerando os pressupostos teórico-metodológicos do ensino de Língua Portuguesa, analisamos as atividades elaboradas pelos graduandos em Letras e observamos que, embora apropriados da discussão teórica acerca do ensino de língua numa perspectiva reflexiva, os estudantes ainda se encontram num caminho intermediário entre a gramática tradicional, a gramática contextualizada e a AL. Além disso, as atividades propostas foram categorizadas a partir da perspectiva que as fundamenta e dos objetivos que possuem, demonstrando haver, ainda, um “espaço de conflito” que envolve as diferentes perspectivas de abordagem do conhecimento linguístico. Este estudo aponta também para a importância das disciplinas/componentes curriculares destinados à reflexão sobre a prática, pois se constituem num espaço de produção de saberes, de autoria e de construção da autonomia dos professores em formação.

**Palavras-chave:** Ensino de análise linguística; Formação inicial de professores; Linguística Aplicada.

**Resumen:** Las nuevas perspectivas para la enseñanza de la Lengua portuguesa parten de una concepción de lengua sociointeracionista, toman el texto como el punto de partida y de llegada de la enseñanza y ven como necesaria la articulación entre los ejes de la enseñanza de lectura, producción escrita, oralidad y análisis lingüística para la formación de usuarios competentes de la lengua. Ya se han percibido muchos avances en las escuelas brasileñas en el que se refiere a esa enseñanza, pero aún

hay mucho que hacer, sobretudo, en el que se refiere a la enseñanza de la análisis lingüística ( AL). Sabiendo de eso y reconociendo la necesidad de la reflexión sobre la enseñanza de este eje durante la formación inicial del profesor de Portugués, realizamos un estudio con alumnos de la disciplina de Práctica Pedagógica de Lengua Portuguesa, del curso de Licenciatura en Letras en una Institución de Enseñanza Superior pública, con el objetivo de analizar cómo se apropian de las discusiones teórico prácticas de la enseñanza de AL. Para tanto discutimos sobre ejercicios de AL producidos por ellos a partir de diferentes géneros textuales, en los cuales tenían como público objetivo alumnos de la enseñanza fundamental y media. Considerando los presupuestos teórico metodológico de la Lingüística Aplicada, analizamos las actividades elaboradas por los graduandos de Letras y observamos que, aunque estén apropiados de la discusión teórica a cerca de la enseñanza de la lengua en una perspectiva reflexiva, los estudiantes aún se encuentran en un camino intermediario entre la gramática tradicional, la gramática contextualizada, y el AL. También, las actividades propuestas fueran categorizadas a partir de las perspectivas que las fundamenta y de los objetivos que poseen, demostrando haber, aún, un “espacio de conflicto” que involucra las diferentes perspectivas del abordaje del conocimiento lingüístico. Este estudio apunta también para la importancia de las disciplinas/componentes curriculares destinados a la reflexión sobre la práctica, pues se constituyen en uno espacio de producción de saberes, de autoría y de construcción de autonomía de los profesores en formación.

**Palabras clave:** Enseñanza de análisis lingüística; Formación inicial de profesores; Lingüística Aplicada.

## Introdução

As novas perspectivas sobre o ensino de Língua Portuguesa, inauguradas na década de 1980, provocaram importantes mudanças no modo como se ensina Português na escola. No entanto, essas mudanças, ainda em curso, não são consideradas, por professores já formados e em formação, suficientes para que consigam dar aulas de língua numa perspectiva reflexiva, sobretudo no que se refere aos conhecimentos linguísticos. O ensino de Análise Linguística (AL) configura-se, ainda, como um grande desafio para os professores de Português.

No interior de uma concepção socionteracionista da linguagem, as práticas de AL nascem da propriedade que tem a linguagem de referir-se a si própria, baseiam-se na capacidade que todo falante tem de refletir e atuar sobre o sistema linguístico e incluem o trabalho sobre questões mais amplas a respeito do texto (GERALDI, 1997). Esse novo jeito de ensinar língua exige do professor um movimento diferente do acostumado: ele é desafiado a

abandonar o clássico modelo de ensino centrado no tripé conceito-exemplo-exercício (MURRIE, 1994) e a construir uma prática na qual “o ler e o escrever devem estar articulados a um processo permanente de reflexão sobre as operações linguísticas e discursivas aí implicadas” (SUASSUNA, 2012, p. 23).

Reconhecendo, então, a importância do ensino da AL e, mais ainda, de colaborar na formação de professores comprometidos em superar o desafio de ensinar português nessa perspectiva, realizamos este estudo, com o objetivo de analisar como os estudantes, professores em formação, se apropriam dessas novas práticas. Organizamos, então, este artigo em quatro seções: na primeira, refletiremos sobre os os pressupostos teórico-metodológicos do ensino de Língua Portuguesa e da formação do professor de Português; na segunda, apresentaremos o percurso metodológico; na terceira, discutiremos os dados e seus resultados e, por fim, na última seção, apresentamos nossas considerações e conclusões.

## **1. Reflexões sobre a formação inicial do professor e o ensino de Análise Linguística**

Embora saibamos que a formação do professor não se esgota na Universidade, reconhecemos o papel essencial e fundador da formação inicial na apresentação dos desafios da sala de aula e na iniciação dos licenciandos nas questões teórico-práticas do ensino. O tempo pedagógico dessa etapa deve, portanto, garantir-lhes uma formação que lhes permita desnaturalizar sua relação com a linguagem, ou seja, desautomatizá-la, de modo que a reflexão sobre ela os leve a um conhecimento minucioso dos seus modos de funcionamento. De posse desse conhecimento, é possível ao professor-aprendiz construir autonomia e, encorajado a elaborar atividades didáticas, conquistar a autoria da sua aula.

De acordo com Barzotto e Aragute (2008), o aproveitamento adequado do tempo pedagógico de disciplinas e componentes curriculares, como as Práticas Pedagógicas, as Metodologias de Ensino e os Estágios

Supervisionados, pode colaborar na formação mais consistente do professor. Acreditando, então, no papel formativo dessas disciplinas que, por sua própria natureza, são responsáveis pela promoção da unidade teoria-prática e por promoverem a aproximação entre o lócus de formação inicial e a escola, é que fortalecemos a discussão sobre o ensino de análise linguística, especialmente por sabermos que, por ser um eixo vertical, a reflexão sobre seu ensino perpassa a reflexão sobre o ensino dos demais eixos.

A AL diz respeito a “uma nova perspectiva de reflexão sobre o sistema linguístico e sobre os usos da língua, com vistas ao tratamento escolar de fenômenos gramaticais, textuais e discursivos” (MENDONÇA, 2006, p.205). O que é novo e diferente na AL é a própria concepção que baseia toda reflexão sobre ensino de língua materna: o que é língua(gem). Para Mendonça (2006), assumir determinada concepção de língua implica repensar o que é importante ensinar nas aulas de Português, bem como o modo como realizar esse ensino. Numa perspectiva sociointeracionista de língua(gem), a AL é tomada como complementar à leitura e à produção oral e escrita, como bem esclarece a autora:

O que configura um trabalho com a AL é a reflexão recorrente e organizada, voltada para a produção de sentidos e/ou para a compreensão mais ampla dos usos e do sistema linguísticos, com o fim de contribuir para a formação de leitores-escretores de gêneros diversos, aptos a participarem de eventos de letramento com autonomia e eficiência. (MENDONÇA, 2006, p. 208)

Talvez por ser fruto de uma concepção de língua(gem) que rompe com o acostumado ensino de gramática tradicional, a AL ainda cause insegurança e provoque uma relação “conflituosa” no ensino de Português. Já são 35 anos desde a publicação de “O texto na sala de aula: leitura e produção”, de Geraldí, e ainda vemos professores questionando se para ensinar AL devemos retirar a gramática da sala de aula; encontramos, também, materiais didáticos “no meio do caminho”, inserindo, em meio a atividades de identificação, “uma ou outra” atividade mais reflexiva.

É nesse cenário que surge a necessidade de reconhecer disciplinas, como as Práticas Pedagógicas, como um espaço de reflexão sobre a língua, de construção de conceitos e de elaboração de atividades de AL, bem como de uma tomada de atitude em relação ao conhecimento. Essa atitude tem a ver com saber “como” transformar o domínio desses conteúdos em situações significativas de ensino-aprendizagem; nas palavras de Chevallard (1991), depende do processo de transposição didática em que os objetos a ensinar/objetos de ensino (conteúdos de ensino) transformam-se em objetos efetivamente ensinados em sala de aula. Vejamos, a seguir, o que foi feito para dar conta dessa transposição.

## 2. Metodologia

Com o objetivo de analisar como se apropriam das discussões teórico-práticas do ensino de AL, convidamos estudantes do 8º período do Curso de Licenciatura em Letras de uma Universidade Federal, durante aulas da disciplina Prática Pedagógica da Língua Portuguesa II, a elaborarem exercícios de AL para alunos do Ensino Fundamental e/ou Médio a partir de textos já existentes. Embora saibamos que, na sua essência, a o ensino de AL deva ocorrer a partir do texto produzido pelo aluno (GERALDI, 1997), é comum que, por questões curriculares, por exemplo, esse ensino aconteça a partir do trabalho com os diversos gêneros textuais levados à sala de aula pelo professor.

Os exercícios foram elaborados pelos licenciandos após discussões sobre a AL e sua articulação com os demais eixos de ensino. Durante as aulas que antecederam a elaboração, os estudantes leram e discutiram textos teóricos sobre o tema, refletiram sobre documentos oficiais que orientam o trabalho com a AL, analisaram relatos de aulas de professores, bem como livros e outros materiais didáticos.

As orientações para elaboração das atividades destacaram, dentre outras questões, que os estudantes deveriam observar, no gênero trabalhado,

como a língua funcionava para que os sentidos fossem construídos e que elementos/aspectos linguísticos “saltavam aos olhos” na construção dos sentidos daquele texto.

As atividades elaboradas foram categorizadas a partir da perspectiva que as fundamenta e dos objetivos que possuem, uma vez que demonstram haver, ainda, um “espaço de conflito” que envolve as diferentes perspectivas de abordagem do conhecimento linguístico. Neste recorte, analisaremos duas dessas atividades, ambas elaboradas a partir da letra da canção “Construção”, de Chico Buarque de Holanda<sup>1</sup>. As análises se deram, como já exposto, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos do ensino de Língua Portuguesa.

### **3. Ensino de análise linguística: ainda “o meio do caminho”**

As atividades elaboradas pelos licenciandos revelaram que ainda há dúvidas no que é, de fato, fazer AL. Eles sabem que é preciso pensar nos modos de dizer e nos efeitos de sentido que esses modos provocam, bem como que é necessário abandonar exercícios de identificação e memorização para dar lugar a abordagens mais reflexivas. No entanto, ainda estão aprendendo como fazer esse deslocamento. É o que podemos ver na questão a seguir:

*Exemplo 1 – Foco no efeito de sentido*

*Qual efeito de sentido a música “Construção” empreende ao ser estruturada com os verbos na 3ª pessoa do singular?*

Nessa questão, é visível a tentativa dos estudantes em trabalharem, numa questão aberta, os efeitos de sentido provocados pelo uso de verbos na 3ª pessoa do singular. Como destaca Mendonça (2006, p. 207), ao tratar das diferenças entre ensino de gramática e práticas de AL, há, nessa última perspectiva, centralidade nos efeitos de sentido, “preferência por questões abertas e atividades de pesquisa, que exigem comparação e reflexão sobre

---

<sup>1</sup> HOLANDA, Chico Buarque de. Construção. In: \_\_\_\_ *Construção*. Phonogram/Philips, 1971, 1LP. Faixa 4.

adequação e efeitos de sentido”, em vez do foco em exercícios estruturais. No entanto, ainda falta clareza, na elaboração da questão, em relação ao papel dos verbos e ao que, de fato, se quer como resposta.

Neste outro exemplo, percebemos que os estudantes buscavam a abordagem da variação linguística:

*Exemplo 2 – Foco na classificação*

*Observe a música e responda: qual a variação linguística presente na música?*

Novamente temos aqui um problema de formulação e de falta de clareza em relação à resposta esperada, mas o que chama mais atenção é o modo como a variação é abordada, como se fosse um fenômeno apenas a ser apontado, tipificado, classificado. Não se trata de uma reflexão, não há foco na produção de sentidos, não se concebe a variação como fenômeno linguístico que se relaciona diretamente com as condições de produção e de circulação do texto. Mesmo assim, percebemos o cuidado dos estudantes em, tentando fazer AL, trazer à tona a discussão sobre variação. Como alerta Mendonça (2006, p.225), os professores precisam de maior clareza quanto ao que se pretende com essa nova perspectiva, que tanto assusta de tão diferente que é das práticas cotidianas.

### **Considerações finais**

Muitos avanços já se têm percebido no ensino de Português nas escolas brasileiras, mas ainda há muito a ser feito, sobretudo no que se refere ao ensino de análise linguística (AL). Sabendo disso, realizamos este estudo com o objetivo de analisar como estudantes de licenciatura em Letras se apropriam das discussões teórico-práticas do ensino desse eixo. Para tanto, nos debruçamos sobre exercícios de AL produzidos por eles a partir de diferentes gêneros textuais, os quais tinham como público alvo alunos do Ensino Fundamental e Médio.

As atividades analisadas mostraram que, embora demonstrando apropriação da discussão teórica acerca do ensino de língua numa perspectiva reflexiva, os estudantes ainda se encontram num caminho intermediário entre a gramática tradicional, a gramática contextualizada e a AL, demonstrando haver um “espaço de conflito” entre o que é acostumado e propostas mais inovadoras. Isso revela a necessidade de mais investimentos nessa discussão e aponta também para a importância das disciplinas/componentes curriculares destinados à reflexão sobre a prática, uma vez que se constituem num espaço de produção de saberes, de autoria e de construção da autonomia dos professores em formação.

## Referências

BARZOTTO, Valdir H. e ARAGUTE, Tânia. O falante, o professor e o ensino de língua portuguesa. Em: ZOZZOLI, Rita Maria Diniz & OLIVEIRA, Maria Bernadete (Orgs.). **Leitura, escrita e ensino**. Maceió: EDUFAL, 2008.

CHEVALLARD, Y. **La transposition didactique**. Du savoir savant au savoir enseigné. Grenoble: La Pensée Sauvage, 1991.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no Ensino Médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 199 a 226.

MURRIE, Z. F. Reflexões sobre o ensino/aprendizagem de gramática. In: MURRIE, Z. F. (Org.). **O ensino de português do primeiro grau à universidade**, 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

SUASSUNA, Lívia. Ensino de análise linguística: situando a discussão. In: SILVA, Alexandre; PESSOA, Ana Cláudia; LIMA, Ana (Orgs.). **Ensino de gramática: reflexões sobre a língua portuguesa na escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 11 a 28.